

## **Jornalismo e suicídio: Análise do Caso Deisi Daniele Roratto<sup>1</sup>**

Laura Degliomini Lanzarin Venite VIEIRA<sup>2</sup>

Véra Lucia Spacil RADDATZ<sup>3</sup>

Universidade do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, RS

### **RESUMO**

Este artigo busca debater sobre a cobertura jornalística em casos de suicídio, utilizando-se da ética e dos valores-notícia como norteadores. Discute a temática relacionando Traquina (2013), Durkeim (2000) e Grando (2010). Através do estudo de caso do suicídio de Deisi Daniele Roratto, ocorrido em 14 de dezembro de 2018 no município de Santo Ângelo, analisa como os jornalistas do interior do Rio Grande do Sul estão abordando pautas dessa natureza e se adotam procedimentos coerentes com os indicados pelos manuais da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Organização Mundial de Saúde. A questão passa de dever noticiar para como noticiar, quando percebe-se a importância do jornalismo como formador de opinião pública e os jornais como fonte de informação confiável.

**PALAVRAS-CHAVE:** suicídio; valores-notícia; jornalismo; morte.

### **INTRODUÇÃO**

O estudo do suicídio como pauta jornalística é tema recentemente desenvolvido na área da comunicação, porém ainda há pouco aprofundamento nos debates. Há muitas divergências no procedimento que cada meio de comunicação adota para o noticiamento do tema. Muitos meios de comunicação brasileiros, inclusive, possuem como diretriz a não divulgação de casos de suicídio.

Existe uma convenção profissional extra-oficial, uma espécie de acordo entre cavalheiros, que determina: suicídios não serão noticiados pela grande imprensa. Ninguém sabe exatamente quando foi que este acordo foi selado, nem precisamente por que. O fato é que ele existe, mas aos poucos e discretamente tem sido descumprido: notícias sobre suicídios são publicadas, sim. (GRANDO, 2010).

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na IJ 1 – Jornalismo do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019.

<sup>2</sup> Professora Orientadora do Trabalho; Prof<sup>a</sup> pesquisadora dos Cursos de Jornalismo e Publicidade e Propaganda e do Mestrado em Direitos Humanos, da Unijui: [verar@unijui.edu.br](mailto:verar@unijui.edu.br)

<sup>3</sup> Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUI: [laura-lanzarin@hotmail.com](mailto:laura-lanzarin@hotmail.com)

---

Se na grande mídia não há um padrão de procedência, nos meios de comunicação do interior isso é ainda mais problemático. A maior parte das empresas de menor porte não possuem manual de redação ou recomendações escritas para seus funcionários. Então, como proceder corretamente na cobertura de suicídios, sem saber o que é mais adequado do ponto de vista da ética e do respeito ao ser humano envolvido na situação? Cabe, portanto analisar como os jornalistas do interior do Rio Grande do Sul estão abordando pautas dessa natureza e se adotam procedimentos coerentes com os indicados pelos manuais da Associação Brasileira de Psiquiatria e da Organização Mundial de Saúde.

Segundo dados disponibilizados pelo Departamento de Informática do SUS - DATASUS, em 2016 ocorreram 117 óbitos por lesões autoprovocadas intencionalmente na Macrorregião de Saúde Missioneira do Rio Grande do Sul, que inclui 46 cidades. Na Microrregião de Santo Ângelo, categoria segundo IBGE, foram 31 ocorrências em 16 cidades no mesmo ano. Diante desse fato, faz-se necessário estudos sobre a cobertura jornalística desses casos.

Este artigo busca discutir sobre a cobertura jornalística em casos de suicídio, utilizando-se da ética e dos valores-notícia como norteadores. Os objetivos específicos são analisar o posicionamento dos meios de comunicação da Microrregião de Santo Ângelo sobre casos de suicídio, utilizando o caso de Deisi Daniele Roratto, ocorrido em 14 de dezembro de 2018 no município de Santo Ângelo.

## **VALORES-NOTÍCIA E O SUICÍDIO**

O jornalismo possui muitas nuances com relação aos seus procedimentos de produção e suas definições do que é ou não notícia. Isso decorre de décadas de atuação dos profissionais com pouca reflexão teórica e crítica sobre a profissão. Muitos jornalistas ainda não conseguem conceituar o porquê de alguns temas serem de interesse público enquanto outros não.

Traquina (2013) argumenta que ainda que muitos jornalistas não utilizem de critérios de noticiabilidade organizados e teorizados, na prática da atuação profissional

---

sabem diferenciar o que é notícia do que não é, compartilhando de critérios muito parecidos em todas as partes do mundo. Defendendo sua teoria de uma comunidade interpretativa transnacional, ele organiza seus conceitos de valores-notícia a partir de padrões jornalísticos em várias partes do mundo. O suicídio não é citado diretamente, mas podemos perceber alguns critérios de noticiabilidade que justificam a presença de tal tema nos meios de comunicação.

Os valores-notícia de Traquina (2013) baseiam-se no italiano Mauro Wolf (1987), que dividiu os conceitos de valores-notícia de seleção e valores-notícia de construção. Os de seleção referem-se às escolhas de acontecimentos que mereçam tornar-se notícia e estão divididos em dois subgrupos: os critérios substantivos, que avaliam diretamente o acontecimento e sua importância; e os contextuais, que dizem respeito ao contexto de produção da notícia. Os valores-notícia de construção são aqueles utilizados durante a construção da narrativa após definição temática.

Dentre os critérios de seleção substantivos, destaca-se o critério **morte**:

Onde há morte, há jornalistas. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos ecrãs da televisão (TRAQUINA, 2013, p. 76).

O jornalismo noticia morte desde seu surgimento como profissão. Porém, existem exceções. Em casos de guerra, por exemplo, a morte está presente, mas é inviável citar cada óbito individualmente. Em outros casos, como em acidentes de trânsito, as vítimas fatais são citadas nominalmente, bem como a causa da morte. Normalmente, o critério para noticiamento é o impacto que essa morte tem na comunidade ou o choque causado pelas circunstâncias do óbito.

O suicídio é uma morte que causa choque e impacto para a maioria das pessoas. Entretanto, ela torna-se exceção nos critérios de noticiabilidade por muitos jornais posicionarem-se contra a divulgação de suicídios. No Manual de Ética, Redação e Estilo do jornal Zero Hora (em 2018 o veículo reposicionou-se como GaúchaZH), um dos

---

principais veículos de comunicação do Rio Grande do Sul, a temática de suicídio recebe o seguinte direcionamento:

A menos que o suicida ou autor de tentativa de suicídio tenha vida pública, atos do gênero não devem ser divulgados. Mesmo em episódios envolvendo figuras públicas, o método empregado para o suicídio e a causa do ato devem ser tratados com discrição. Se o suicídio *ou* atos de automutilação caracterizarem o comportamento de determinado segmento social, o caso deve ser tratado como informação e receber abordagem jornalística, com o objetivo de alertar a sociedade e as autoridades. (Zero Hora, 1994, p. 21).

Sendo assim, o suicídio enquadra-se no critério **morte**, porém a GaúchaZH coloca algumas situações específicas para que o veículo noticie esse fenômeno. Da mesma forma, a Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP (2009) afirma que normalmente o suicídio torna-se notícia em casos de: morte de figura pública; suicídio precedido de assassinato; atos terroristas; suicídio que afete a coletividade (por exemplo, um engarrafamento) e por fim, em casos de exposição visando ao sensacionalismo.

Porém, nos meios de comunicação do interior, não há critérios específicos que os jornalistas seguem para definir os casos em que suicídios podem ser noticiados. Entram em questão outros valores-notícia citados por Traquina (2013) que podemos ressaltar. Um deles é o valor-notícia de seleção substantivo **proximidade**, que refere-se à geografia e à proximidade cultural.

Esse critério influencia diretamente os jornais do interior do estado, pois as comunidades são menores e mais fechadas, onde 'todo mundo conhece todo mundo'. Dificilmente um suicídio em municípios menores interessa apenas aos relacionamentos próximos do indivíduo. Toda a comunidade comove-se e comenta sobre o assunto, inclusive compartilhando informações em redes sociais. Dessa forma, o suicídio é noticiado informalmente e sem profissionalismo.

Sendo assim, o silêncio dos meios de comunicação favorece propagação de boatos e não minimiza o impacto do fenômeno na comunidade. Utilizando desse argumento, muitos meios de comunicação do interior noticiam os casos de suicídio.

---

Após definição da noticiabilidade do suicídio, três valores-notícia de construção do autor são relevantes para compreensão das narrativas jornalísticas a respeito do suicídio, sendo a **simplificação**, a **amplificação** e a **dramatização**. Na **simplificação**, a lógica é que o acontecimento seja noticiado com pouca ambiguidade e complexidade.

Traquina (2013, p. 88) explica que “os jornalistas têm obrigação de escrever de uma forma fácil de compreender; por simplificação, portanto, entendemos tornar a notícia menos ambígua, reduzir a natureza polissêmica do acontecimento”. Esse critério está presente na construção de notícias sobre suicídio com as informações básicas do fato, sem entrevistas com profissionais, sem informações sobre serviços para pessoas em vulnerabilidade, e em geral, ocupando espaços pequenos nas páginas de jornal.

Na **amplificação**, a lógica é de amplificar o acontecimento ou as suas consequências para que a notícia seja notada. Por fim, a **dramatização** é valor-notícia que se entende como reforço nos aspectos críticos e emocionais de uma narrativa. Em alguns momentos, o conhecido “sensacionalismo jornalístico”. Ambos são percebidos quando é explorada a história do indivíduo e circunstâncias do seu suicídio.

## O SUICÍDIO COMO PAUTA

O suicídio como pauta jornalística promove debates há décadas. A ética é colocada em questão ao noticiar um assunto doloroso para familiares e amigos do suicida, bem como expor sua vida após morte. Além disso, existem pesquisas que descrevem casos de aumento de um método ou local utilizado após divulgação de ocorrências tal. Estariam os jornalistas incentivando pessoas vulneráveis ao suicídio?

Muitos veículos de comunicação optam por não divulgar o ato suicida, postura bem diferente da que é dada para outras violências, como homicídios, por exemplo. Por trás desse cuidado há a noção de que a veiculação inapropriada de casos de suicídio poderia ser chocante, como também estimular o ato em pessoas vulneráveis, numa espécie de “contágio”. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2009, p. 4)

Muitos meios de comunicação brasileiros, inclusive, possuem como diretriz a não divulgação de casos de suicídio. Mas como vimos anteriormente, existem critérios de noticiabilidade que embasam os jornalistas que abordam o assunto. E não existem

---

estudos comprovados de que o silêncio dos meios de comunicação diminua a quantidade de ocorrências desse fenômeno. Essa questão Durkheim (2000) discute:

É possível que a proibição de tais notícias conseguisse diminuir de algumas unidades o montante anual destes diferentes atos. Mas é muito duvidoso que conseguisse alterar a taxa social. A intensidade da tendência coletiva permaneceria a mesma, porque o estado moral dos grupos não seria alternado com isso. [...] Na realidade, o que pode contribuir para o desenvolvimento do suicídio ou do crime, não é o fato de se falar deles, é a maneira como se fala. (DURKHEIM, 2000, 160)

A questão passa de dever noticiar para como noticiar, quando percebe-se a importância do jornalismo como formador de opinião pública e os jornais como fonte de informação confiável. O Artigo 7º do Código de Ética dos jornalistas brasileiros (2007), afirma que “O compromisso fundamental do jornalista é com a verdade dos fatos [...] e a sua *correta divulgação*” (grifo do autor).

Em cartilha para os profissionais da comunicação, a Associação Brasileira de Psiquiatria - ABP (2009) ressalta a importância da correta abordagem por parte dos jornalistas nas notícias sobre suicídio. Afirma ser essencial apurar o histórico mental do suicida, suas motivações e demonstrar possíveis saídas:

Os transtornos mentais mais comumente associados ao suicídio são: depressão, transtorno do humor bipolar, dependência de álcool e de outras drogas psicoativas. Esquizofrenia e certas características de personalidade também são importantes fatores de risco. [...] A população seria muito beneficiada se fosse informada a esse respeito: como reconhecer uma doença mental, quais os tratamentos disponíveis, sua efetividade e onde obter apoio emocional. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2009, p.11).

Além disso, a ABP (2009) apresenta outras recomendações para a construção de notícias de suicídio. Entre elas, ressalta-se, em síntese do autor:

- Evitar a palavra suicídio em chamadas e manchetes.
- Evitar a colocação da matéria em primeira página.
- Alguns entrevistados, inicialmente, poderão negar que a vítima tivesse dado sinais de que planejava se matar. Porém, é necessário falar sobre sinais de alerta de que uma pessoa está sob risco de suicídio e o que fazer para ajudá-la.
- Não fornecer detalhes do método letal nem fotos.
- Evitar termos valorativos, como por exemplo: no lugar de “cometeu” suicídio, utilizar “infelizmente, interrompeu a sua vida”; em vez de “tentou o suicídio sem

---

sucesso”, usar “felizmente, não conseguiu realizar o ato” ou, ainda, “felizmente, continua viva”.

- Falar que o suicídio é frequente só colabora para o aumento das taxas de suicídio. O ideal é enfatizar pessoas que enfrentaram problemas sem se suicidarem, focando na superação de problemas.
- Mostrar que ideação suicida é algo frequente em doenças mentais e/ou frente a graves dificuldades, mas que a imensa maioria das pessoas consegue lidar de modo eficaz com os problemas e percebem que têm mais “força” do que imaginavam.
- Entrevistar profissionais de saúde mental para que a questão seja retratada de forma menos individualista.

De forma parecida, a Organização Mundial da Saúde - OMS também já havia lançado uma cartilha para os profissionais da mídia em 2000. Em resumo, explica que a notícia sobre o suicídio não deve servir de exemplo para que as pessoas consigam resolver seus problemas pessoais.

Um dos muitos factores que podem levar um indivíduo vulnerável ao suicídio pode ser a publicidade sobre suicídios nos mídia. A forma como a mídia apresenta as notícias de casos de suicídio pode influenciar outros suicídios. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2000, p.5)

Para evitar que as notícias tenham esse efeito, a OMS (2000, p.6) recomenda que se o jornalismo tratar o tema “de uma forma apropriada, cuidadosa e potencialmente útil pelos mídia esclarecidos, poderá prevenir trágicas perdas de vida por suicídio”. Também explica que:

Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido. As pesquisas mostraram que a cobertura dos suicídios pelos meios de comunicação tem impacto maior nos métodos de suicídio usados do que na frequência de suicídios. Alguns locais – pontes, penhascos, estradas de ferro, edifícios altos, etc – tradicionalmente associam-se com suicídios. Publicidade adicional acerca destes locais pode fazer com que mais pessoas os procurem com esta finalidade. (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE, 2000, p.7)

Com as recomendações da ABP e OMS, jornalistas de grandes e pequenos meios de comunicação contam com orientações suficientes para abordar o assunto com responsabilidade. Assim como em outros casos polêmicos, o jornalista que aborda o suicídio pode trazer benefícios ao invés de malefícios, como diz Grando:

[...] as notícias sobre suicídios poderiam obter o mesmo êxito, alcançando senão a finalidade do jornalismo, que é gerenciar a arena simbólica e proporcionar um

---

compartilhamento de informações e experiências, promovendo debate e maior compreensão sobre temas sociais. (GRANDO, 2010).

Sendo assim, o jornalismo pode cumprir seu papel social, colaborando com a conscientização pública sobre esse fenômeno polêmico e criando mecanismos através da informação para que pessoas em vulnerabilidade sintam-se estimuladas a buscarem ajuda.

### **ANÁLISE DO CASO DEISI DANIELE RORATTO**

Deisi Daniele Roratto morava no interior do município de Santo Ângelo/RS com os dois filhos e marido. Trabalhava como produtora rural no Rincão dos Roratto. Em dezembro de 2018, aos seus 40 anos, interrompeu sua vida. Inicialmente, ela estava como desaparecida e a Polícia Civil buscava notícias sobre seu paradeiro. Um dia após o seu desaparecimento, ela foi encontrada sem vida no porta-malas de seu carro, e após perícia do Instituto Médico Legal - IML de Santa Rosa, a Polícia Civil encerrou a investigação apontando o óbito como suicídio.

Para a análise do caso do suicídio de Deisi Daniele Roratto, realizou-se levantamento durante o período de 14 até 17 de Dezembro de 2018 entre os portais de notícia online da região através de sites de pesquisa. Também foram analisados os principais jornais impressos do município de Santo Ângelo, onde Deisi morava e interrompeu sua vida. No total, foram encontradas 29 notícias nos seguintes meios de comunicação: Portal G1 RS, Portal Rádio Águas Claras, Portal Rádio Palmeira, Portal Plural, Portal Alegrete Tudo, Portal Guia Crissiumal, Portal InFoco, Portal FC - Folha Cidade, Portal Metrópole, Portal Rádio Sepe, Noroeste Online, Portal O Diário, Portal Rádio Progresso de Ijuí, Portal Rádio Santo Ângelo, Paulo Marques Notícia, Três Passos News, Ijuí News, Portal Rádio Cidade SA, Portal Studio, Jornal Diário Missões, Jornal A Tribuna, Portal Rádio Alto Vale, SB Comunicação, Panambi News, No Ar Notícias, Jornal das Missões e Jornal O Butiá.

O caso provocou comoção na comunidade pela família Roratto ser bastante conhecida, além de que, houve mobilização da cidade para encontrá-la na ocasião do



---

seu desaparecimento. Dessa forma, sua morte teve mais repercussão em meios de comunicação do que os outros suicídios ocorridos do ano.

Com base nas recomendações existentes da ABP e Organização Mundial de Saúde, a análise buscou responder às seguintes perguntas: A notícia abordou o suicídio como causa da morte? A chamada da notícia utiliza a palavra “suicídio”? Há indicativos de como as pessoas podem procurar ajuda para prevenção de suicídio? O método da morte foi exposto na notícia? E quais as fontes utilizadas para construção da notícia?

Em um primeiro momento, observou-se a resistência em noticiar a morte como suicídio. Dentre as 29 notícias, apenas 12 falavam a causa da morte. As outras informavam que a mulher desaparecida foi encontrada morta em seu carro, sem indícios de assalto. Esse aspecto demonstra a resistência com a temática e a comprovação desse acordo extra-oficial de que meios de comunicação não devem falar de suicídio.

Com relação a utilização do termo em chamadas, foram encontradas 4 notícias. No portal Três Passos News, o título da notícia é: “Mulher encontrada morta em carro pode ter cometido suicídio”. No Ar Notícias, utilizou “Polícia acredita que mulher encontrada morta em porta-malas de veículo cometeu suicídio”. No jornal impresso A Tribuna, a palavra suicídio aparece no subtítulo: “Conforme Afonso Stangherlin todos os indícios apontam para suicídio”. E por fim, o jornal impresso O Butiá é mais enfático e afirma: “Mulher comete suicídio dentro do porta-malas do seu veículo”.

Como citado anteriormente, a ABP (2009, p. 15) indica: “Evitar a palavra suicídio em chamadas e manchetes. Melhor incluí-la no corpo do texto”. Seguir essa recomendação é minimizar os efeitos da palavra em pessoas vulneráveis e familiares. Isso porque, infelizmente, muitas pessoas só leem a manchete e não concluem o texto, podendo interpretar erroneamente os motivos que levaram Deisi a interromper sua vida.

Em terceiro ponto da análise, buscou-se as notícias com informações de prevenção e contatos para auxílio de pessoas em vulnerabilidade. Dentre as notícias analisadas, somente uma informava onde buscar ajuda em caso de necessidade, no

---

jornal impresso Jornal das Missões. Esse aspecto nas notícias é de extrema importância para prevenção de outros casos, que inclusive podem se inspirar no caso noticiado.

Ao abordar o suicídio em suas páginas diárias, a imprensa também poderia contribuir oferecendo informações e incentivando um debate sobre como auxiliar pessoas com tendências suicidas, como superar a perda de uma pessoa querida por suicídio, como relações familiares e escolares podem influenciar crianças e adolescentes a pensarem em suicídio em decorrência de uma pressão social vinda dessas instituições que eles não conseguem suportar. (GRANDO, 2005).

É importante entender que é necessária a apuração de dados sobre o assunto para que o meio de comunicação possa incluir essas informações em notícias de suicídio. Uma justificativa provável para que a maioria das notícias não tenha incluído dados de prevenção seria a correria que envolve o fechamento dos jornais. Como diz Traquina (2013, p. 46), “orientado pelo presente, o jornalismo fornece muito foreground e pouco background”, ou seja, noticia fatos brutos e faz poucas análises e reflexões a longo prazo. Um solução para esse aspecto seria realizar uma pesquisa prévia para utilizar nos casos de suicídio, deixando dados pré-prontos para a divulgação.

Com relação ao método do suicídio, foram encontradas seis notícias com informações sobre envenenamento ou citando que foram encontrados um frasco de veneno e uma carta de despedida junto com o corpo. O manual da OMS (2000, p.7), aponta: “Devem ser evitadas descrições detalhadas do método usado e de como ele foi obtido”. A ABP também indica:

Quando o suicídio for notícia (e esse critério varia entre os órgãos de imprensa) sugere-se reportagem discreta, cuidadosa com parentes e amigos enlutados, sem *detalhismo exagerado do método suicida*, notadamente quando o falecido era celebridade ou pessoa muito estimada localmente (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA, 2009, p.14, grifo do autor)

Por fim, foram analisadas as fontes utilizadas nas 29 matérias. Sem exceção, todas utilizaram a Polícia Civil ou a delegada responsável pelo caso. Chama a atenção que mais da metade das notícias citam outros portais ou jornais como fonte. Traquina (2013, p. 26) explica que os “jornalistas monitoram a cobertura uns dos outros. Mesmo quando não estão em contato direto, os jornalistas confiam fortemente no trabalho uns

---

dos outros”. Dessa forma, as notícias são muito parecidas e repetem os erros de noticiamento que são apontados pela ABP e OMS.

Além disso, a ABP (2009, p. 17) indica que seja feita entrevista de profissionais de saúde mental “para que a questão seja retratada de forma menos individualista”. Em nenhuma notícia, encontramos alguma indicação ou dado obtido com algum médico. Demonstra o desconhecimento dos meios de comunicação da importância de esclarecimento sobre as doenças mentais que ocasionam suicídio e os métodos de prevenção.

## **CONCLUSÃO**

Os profissionais de jornalismo detêm um papel fundamental na sociedade como formadores de opinião, sendo considerados fontes confiáveis para a população. Dessa forma, ética e responsabilidade pública devem estar intrínsecas ao trabalho diário dos jornalistas. Em casos de suicídio, o papel do meios de comunicação é informar sem causar mais danos à sociedade, seja prejudicando familiares ou incentivando pessoas vulneráveis. Devem promover a preservação da vida, e trazer informações relevantes e úteis ao assunto.

Através de pesquisa sobre os valores-notícia e os manuais existentes para noticiamento de suicídio, verifica-se a necessidade de mais discussão sobre o assunto. Especialmente entre os meios de comunicação do interior do Rio Grande do Sul, constata-se através de análise de caso do suicídio de Deisi Daniele Roratto, um desconhecimento das recomendações da ABS e OMS.

Portanto, os meios de comunicação podem posicionar-se de forma a noticiar suicídios corretamente, ao invés de ignorar o assunto ou abordá-lo superficialmente. A questão não é se o suicídio pode tornar-se notícia ou não, mas como jornalistas devem noticiá-lo. O objetivo de abordar suicídio deve ser colaborar com a conscientização pública, e através da informação, promover mecanismos nos quais pessoas em vulnerabilidade possam buscar auxílio.

## REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Comportamento Suicida**: Conhecer para Prevenir. Disponível em: < <https://www.abp.org.br>>. Acesso em 20 de Abril de 2019.

DATASUS. **Óbitos por causas externas no Brasil**. Pesquisa disponível em <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10rs.def>>. Acesso em 20 de Abril de 2019.

DURKHEIM, É.: **O suicídio**, estudo de sociologia. Tradução Monica Statel. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

GRANDO, Carolina Pompeo. **O Suicídio na Pauta Jornalística**. Disponível em: <[observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/](http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/o-suicidio-na-pauta-jornalistica/)>. Acesso em 27 de Abril de 2019.

GOMES, Mayra Rodrigues. **Ética e Jornalismo**: uma cartografia dos valores. São Paulo: Editora Escrituras, 2004.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do Suicídio**: Manual para profissionais da mídia. Genebra, 2000. Disponível em: <[http://www.who.int/mental\\_health/prevention/suicide/en/suicideprev\\_media\\_port.pdf](http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/en/suicideprev_media_port.pdf)>. Acesso em 27 de Abril de 2019.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo**: A tribo jornalística - uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, V. II, 3 ed. rev. 2013.

ZERO HORA. **Manual de ética, redação e estilo**. Porto Alegre: L&PM; RBS, 1994.